

Tensões entre o “sólito” e o “insólito” em Mário de Carvalho¹

Prof. Pós-Dr. Flavio García² (UERJ / UNISUAM)

Resumo:

Conforme Covizzi (1978), “a tendência irrealista ou de realismo mágico na literatura ocidental do[s] nosso[s] século[s] XX e XXI] corrobora a dúvida sobre a realidade de tudo, encarando-se como realidade a padronização que se convencionou chamar realidade.” (p. 42) Têm-se “duas realidades que se fundam num mesmo e essencial recurso, colabora[ndo] para trazer a dimensão mais próxima do real, daquilo que se encontra hipo ou hipertrofiado, (...) em crise.” (p. 42) “Crise de valores porque a realidade convencionada, seus conceitos e representações não são mais aceitos sem dúvida.” (p. 27) Contudo, essa “não é uma ficção de simples fuga, mas principalmente o testemunho de um sistema de vida paradoxal através de sua expressão.” (p. 39-40) “Trata-se de uma literatura que não se quer, também ela, realidade.” (p. 29). Dois sistemas literários coexistem – real-naturalista e insólito –, manifestando representações da realidade que o imaginário apreende. Ainda evocando Covizzi, “a aludida constante, que batizamos de insólito, no sentido do não-acreditável, incrível, desusado, contém manifestações congêneres que englobamos como tal: ilógico (...), mágico (...), fantástico (...), absurdo (...), misterioso (...), sobrenatural (...), irreal (...), supra-real” (p. 36). A ficção de Mário de Carvalho é exemplo dessa literatura em que sólito e insólito se manifestam.

Palavras-chave: insólito, gênero literário, narrativa portuguesa contemporânea, Mário de Carvalho.

Mário (Costa Martins) de Carvalho nasceu em Lisboa em 1944. Licenciou-se em Direito em 1969, mas, como mesmo admitiu em entrevista dada à Revista Ler, “quem para nada tem jeito vai para Direito” (CARVALHO, 1996, p. 40), “de maneira que decidi[u] seguir Direito sem convicção” (CARVALHO, 1996, p. 41).

Influenciado por seu pai, que “publicou três livros, os amigos (...) eram escritores” (CARVALHO, 1996, p. 41), que o levava à Livraria Portugal, ao Café Lisboa (Cf. CARVALHO, 1996, p. 41), começou “a ler muito cedo, não só o *Cavaleiro andante* e o *Mundo de aventuras*, que (...) esperava às nove da manhã de sábado, quando as tabacarias abriam” (CARVALHO, 1996, p. 41), mas, também, obras de Eça, Camilo etc. Assim, naturalmente, despontou para as Letras, já, desde sua perspectiva leitora, dividido entre os sistemas literários real-naturalista e insólito, em que se fundavam suas primeiras leituras.

Sua estréia como escritor se deu, em 1981, com *Contos da sétima esfera* (Lisboa: Vega), logo seguido, em 1982, por *Casos do Beco das Sardinheiras* (Lisboa: Vega). Essas duas antologias, com que o autor se lançou na nova ficção portuguesa, estão envoltas por uma aura de manifestações insólitas, essenciais à trama narrativa. Com elas, ele foi arrastado, inevitavelmente, para o universo da literatura estranha, sobrenatural ou fantástica – termos aqui empregados em sentido lato – tendo sido comparado a Kafka, Borges e García Marques, como mesmo registrou naquela entrevista antes já referida, reclamando, em parte, dos posicionamentos da crítica (Cf. CARVALHO, 1996, p. 44-45).

Mário de Carvalho confessou que *Contos da sétima esfera*, “a primeira coisa a aparecer” (CARVALHO, 1996, p. 41), não foi de fato a primeira que escreveu: “Essa foi *O livro grande de Tebas, navio e Mariana*, escrito em circunstâncias muito tumultuosas, por dentro e por fora, em 1974 e 1975, embora publicado muito mais tarde” (CARVALHO, 1996, p. 41). *O livro grande de Tebas, navio e Mariana*, escrito durante o exílio, somente viria a ser publicado em 1982 (Lisboa:

Vega) e, igualmente àquelas antologias, trata-se de um conjunto de narrativas curtas em que a manifestação do insólito é essencial ao desenvolvimento da trama.

O escritor, semelhantemente a outros tantos portugueses de seu tempo, “esteve exilado em França e Suécia, regressando após o 25 de Abril de 1974.” (<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/mariocar.htm>) Conforme relata,

é uma longa história. Ou melhor, é uma história que vem muito de trás. O meu pai esteve preso, ainda eu ia ao Aljube e a Caxias. Venho de uma família de tradição oposicionista, o meu avô lia *A República*. Tenho um ancestral, do século passado, que foi assassinado pelos miguelistas, de maneira que tenho toda esta espessura por detrás. Mais tarde, em 1962, quando entrei na universidade, cai em plena crise académica, só tinha uma posição a tomar, como é evidente. Mais tarde, ainda, fui contactado pelo Partido Comunista, o que não era estranho ao ambiente que me rodeava, ao meu pai, aos amigos do meu pai (CARVALHO, 1996, p. 40).

Por conta disso, durante o regime salazarista, Mário de Carvalho foi condenado a dois anos de cadeia, mas só esteve preso por quatro meses (Cf. CARVALHO, 1996, p. 40):

Fui preso quando estava a fazer a tropa, na Escola Prática de Administração Militar. Era um sábado, tinha saído de casa para, imagina!, comprar bilhetes para um filme chamado *A confissão*. No caminho, sou interceptado, metido num carro e levado para a António Maria Cardoso. Uma prisão de uma extrema ilegalidade porque eu era militar e não podia ser preso por autoridades civis. Eles lá se entenderam entre si e fui passado à situação de licença registada. O Tribunal Plenário condenou-me depois a dois anos de cadeia (CARVALHO, 1996, p. 40).

O 25 de Abril de 1974 surpreendeu-o na Suécia, estando ainda no exílio:

Tinha acabado de sair da aula de sueco, eram onze da manhã do dia vinte e cinco, e ia com a minha mulher por uma alameda da pequena cidade. Estava muito frio e havia uns flocos de gelo, uns torvelinhos de gotículas geladas, quando houve alguém, um português, que me chamou de uma janela: “Vem cá, houve uma revolução em Portugal.” Fomos a correr e instalámo-nos ao pé da rádio. (...) Havia uma série de notícias confusas e impossíveis. Até muito tarde não conseguimos perceber que tipo de golpe ou de revolução estava a acontecer em Portugal. (...) Só nessa noite o meu pai me telefonou e disse que “está tudo preso!” Então aí tranqüilizei-me, era uma revolução e era de esquerda, contra o regime (CARVALHO, 1996, p. 41).

Narrador tipicamente lisboeta, sua obra emana da/a vivência acumulada na capital lusa. *Casos do Beco das Sardinheiras*, que já vimos estudando há algum tempo (GARCÍA, 2007 e 2007a), é um exemplo dessa literatura em que sólito e insólito se manifestam em tensão. Nessa antologia, pululam tipos e situações advindos da infância do autor, como ele próprio aponta,

transfigurada, transformada, com linguagem inventada, mas é um pouco uma reminiscência dos tempos em que andava no Liceu de Gil Vicente. E, quando havia furos, íamos dar uma volta pela Costa do Castelo, pela Mouraria. Na altura, eu conhecia aquilo palmo a palmo (CARVALHO, 1996, p. 40).

A primeira narrativa de *Casos do Beco das Sardinheiras*, “O tombo da Lua” (CARVALHO, 1991, p. 17-20), transporta para a ficção parte do que o autor declara nessa entrevista: “Uma ocasião, quando desapareceu a Lua, eu estava lá e sei contar tudo. Não me lembro da idade que então tinha e já na altura me não lembrava” (CARVALHO, 1991, p. 17). No mais, a presença marcante da cidade, conforme Mário de Carvalho assume, “é uma recorrência dos meus livros. De uma forma ou de outra, nem que seja por uma pequena citação” (CARVALHO, 1996, p. 40).

Contos da sétima esfera não se trata de uma antologia orgânica, diferentemente de *Casos do Beco das Sardinheiras*, e, por isso, não facilita sua leitura sob os pressupostos da arquitextualidade, conforme fizemos com este conjunto de *casos*, articulando, comparativamente, a estrutura real-naturalista do “Prólogo” (CARVALHO, 1991, p. 13-16) com a estrutura insólita dos *casos* e do “Epílogo” (CARVALHO, 1991, p. 83-87), a partir das relações entre a moldura – “Prólogo” e “Epílogo” – e o fundo – os *casos* (Cf. GARCÍA, 2007a).

Do conjunto de narrativas que compõem *Contos da sétima esfera*, estudamos “Do Deus memória e notícia” (CARVALHO, 1990, p. 17-30), refletindo sobre a pertinência de lê-la a partir dos suportes teórico-metodológicos advindos do Realismo Maravilhoso, gênero que, por força, amalgama substratos da realidade – os *realia* – com substratos do maravilhoso – os *mirabilia*. Propusemo-nos a ler essa narrativa como um representante europeu de um gênero comumente restringido à América Latina – o Realismo Maravilhoso (Cf. GARCÍA, 2000).

As narrativas de Mário de Carvalho publicadas em *Contos vagabundos* (CARVALHO, 2000), *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho* (CARVALHO, 1992), *Quatrocentos mil sestércios*, seguido de *O Conde Jano* (CARVALHO, 1991) ou *Contos soltos* (CARVALHO, 1985) também não ficaram imunes à manifestação do insólito, sendo, muitas vezes, diálogos explícitos entre a história factual e a literatura ficcional (Parece-nos útil e produtiva a oposição entre “factual” e “ficcional” para explicitar os distintos planos de que falamos e que o autor manifesta em sua obra). De *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho*, já apresentamos leitura crítico-interpretativa de “O nó estatístico” (CARVALHO, 1992, p. 53-68), sugerindo ser um paradigma exemplar de um gênero – ou subgênero – ainda não consagrado pela tradição crítico-teórica – o Insólito Banalizado, que tem sido objeto de grande parte de nossos estudos desde 2006³.

Recuperando “a aludida constante, que batizamos de *insólito*, no sentido do não-acreditável, incrível, desusado”, de que fala Lenira Marques Covizzi (COVIZZI, 1978, p. 36), vamo-nos desviar aqui da manifestação de eventos sobrenaturais ou extraordinários – de matiz fantasmagórica, mágica, mística, mítica, ainda que sem perder, de todo, o contato com o terror ou o horror –, que, de certo modo, vinha norteando as leituras anteriores que fizemos da obra de Mário de Carvalho, para nos ater ao inesperado, inusitado, surpreendente, decepcionante, frustrante, que causa perplexidade tanto nas personagens quanto no narrador ou no leitor. Neste artigo-comunicação, apresentaremos uma primeira leitura de “Era uma vez um alferes” (CARVALHO, 1989, p. 97-129)⁴, dialogando aspectos da narrativa ficcional – tema e estratégias de construção – com fragmentos da entrevista dada pelo autor à Revista Ler (CARVALHO, 1996, p. 40), já aqui antes referida.

Em novembro de 1984, quando Mário de Carvalho ainda havia publicado apenas antologias de narrativas curtas – *Contos da sétima esfera* (1981), *Casos do Beco das Sardinheiras* (1982), *O livro grande de Tebas, navio e Mariana* (1982), *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho* (1983) e *Fabulário* (Lisboa: & Etc., 1984) – vem a público a primeira edição de *Era uma vez um alferes* (Lisboa: Rolim), republicado posteriormente, em 1989, como último dos três capítulos de *Os alferes* (Lisboa: Caminho), nova antologia orgânica.

Ambientada na África, durante a guerra colonial, “Era uma vez um alferes” conta a história de um alferes não nomeado ao logo da narrativa, culminando em sua inusitada e perplexa hora derradeira. O alferes não era militar de carreira, mas engenheiro – “Eu não sou militar, sou engenheiro.” (CARVALHO, 1989, p. 120) –, que, como os do *Beco das Sardinheiras*, não “tinha emigrado de livre vontade. À força, sim” (CARVALHO, 1991, p. 13), pois ninguém ficará imune aos recrutadores (Cf. CARVALHO, 1991, p. 14).

O relato inicia-se com a expectativa do alferes de retornar a Lisboa: “Mais um passo na picada, menos um passo para Lisboa, dizia o alferes para consigo, convencendo-se de que, a cada passo, deixava para trás um pedaço de África” (CARVALHO, 1989, p. 99). E essa sua expectativa é logo retomada adiante: “Mais passos na picada, Lisboa mais perto” (CARVALHO, 1989, p. 102).

Letrado e erudito, pois “era um homem recheado de literatura, este alferes, (...) [que] mesmo nos momentos limites não resistia a ver-se como uma personagem” (CARVALHO, 1989, p. 109), não se agradava nem da guerra nem de África:

Maldita terra de Nhambirre (...).

Maldita Nhambirre, maldita África das cores fortes, da imundície, das doenças podres, da crueldade tão animalesca, quase inocente. Que tem o alferes a haver com aquela savana peçonhenta, com a tropa imensa, grosseira, maquinal, com aquela guerra fora? (...)

Volta e meia, remói o alferes esta visão unilateral e um tanto preconceituosa de África: sente-se obrigado a empolar o ódio pela terra para que foi mandado à força. (CARVALHO, 1989, p. 100).

O retorno a Lisboa, a fuga daquele lugar maldito, daquela maldita guerra, eram quase uma obsessão para o alferes: “E quanto faltaria ainda, sorte malvada, para os quatro caminhos de Nhambirre? E quantos quatro caminhos mais faltavam para Lisboa, sorte Malvada?” (CARVALHO, 1989, p. 99). Ainda nesse ponto, o alferes não pressentia o quanto malvada seria a sorte para ele naquele lugar, naquela guerra.

Ele fora mandado à guerra em África como punição por suas atividades políticas, conforme relata, em outro ponto da narrativa, ao capitão: “A PIDE deu uma informação desfavorável. Politicamente suspeito. Recambiaram-me para aqui” (CARVALHO, 1989, p. 120). Tinha sido “dirigente estudantil, no Técnico” (CARVALHO, 1989, p. 120). E sua prisão, semelhantemente à do autor, causou-lhe perplexidade:

O que ele recordava era um torvelinho colorido de gente a correr em todas as direcções, aos gritos, magotes de polícias, de cinzento, a surdirem das esquinas, de apito na boca e braços alçados, uns restos das palavras de ordem escandidas, enoveladas nos ares.

Via-se a cavalgar pelo passadiço metálico, por sobre a Rua do Carmo, arfando, de pasta apertada ao peito.

– Mas atira isso, caramba, aproveita agora! – ordenava-lhe uma colega, de olhos pardos muito abertos, as faces rosadas do esforço.

Ele encostara-se à balastrada e olhava para baixo, através da rede. Distinguia, confusamente, o fluir descontínuo da multidão, desencaminhada da sua rotina, envolvida com grupos de polícias e de estudantes em correria. Sobraçou a pasta, fincou nela as mãos... Mas manteve-se parado, hirto, incapaz de um gesto.

Foi a moça que lhe arrancou a pasta das mãos e despejou o conteúdo no espaço. Os *comunicados à população* coalharam os ares de branco, levados pelo vento. Ainda ele estava a olhar – agora em risco de ser preso – e já a moça dos olhos pardos lhe devolveva imperativamente a pasta e deitava a correr.

Não fora capaz... E aquela cobardia deixara-lhe uma cicatriz na memória (CARVALHO, 1989, p. 121-122).

Mário de Carvalho, o autor, e o alferes, sua personagem, foram presos pelo mesmo motivo – seus envolvimentos político-ideológicos – e de modo tão surpreendente, inusitado, inesperado, insólito: “imagina!”

Todavia, diferentemente do autor, Mário de Carvalho, sua personagem, o alferes, estava ali, naquele lugar maldito, naquela maldita guerra, porque não fugira, não se exilara: “O alferes não queria, não queria estar ali. E mais uma vez se recriminava por não ter desandado para Paris como outros, pela ingenuidade de se deixar vir para onde vinha o povo, para enquadrar o povo fardado. O seu dever...”

(CARVALHO, 1989, p. 107). Mas Mário de Carvalho, o autor, não agira assim, conforme confessou naquela já referida entrevista:

Quando saí, soube, por via muito segura, que estava destinado à Companhia Disciplinar de Penamacor, para onde eram remetidos todos os cadastrados de delito comum (o Álvaro Cunhal passou por lá, em tempos remotos). Também muitos presos políticos passaram por lá. Íamos como soldados rasos e as funções na Guerra Colonial eram as mais perigosas: desmontagem de minas e coisas desse gênero. Na altura, achei que era de mais e resolvi sair do País (CARVALHO, 1996, p. 40).

O alferes, que não desandara do País, ia, agora em África, pela picada que “figura nos mapas militares com o número doze” (CARVALHO, 1989, p. 101), caminho para Nhambirre, aquele que “já foi, em tempos, a ‘curva da morte’, quando as emboscadas eram certas, logo depois de se estrear em Lisboa um filme com o mesmo nome” (CARVALHO, 1989, p. 101). Caminho rotineiro, repetido e conhecido, tanto que o alferes se refere aos nomes diferentes que o caminho tivera e aos acontecimentos nele ocorridos, que motivaram seus outros tantos nomes. Até que lhe acontece o inesperado, inusitado, insólito, o que lhe causa perplexidade:

Um estalido metálico, seco, nítido, deflagrou no ar. A fila imobilizou-se. Meio dobrados sobre as automáticas, os homens esquadrihavam todos os recantos, numa tensão feroz e atenta.

Bem a meio da picada, o alferes não se moveu. Estava parado, muito direito, os dois braços ligeiramente afastados do corpo, o rosto petrificado fito em frente. Suspendia a arma pelo tapa-chamas, como quem assegura um contrapeso para um problemático equilíbrio.

– Pisei uma mina! Pisei uma minha, caraças! – repetiu, quase sem mexer os lábios para o furriel que se aproximava, inquieto. E havia nas palavras do alferes um tom de profunda tristeza, mais que grave ou compenetrado” (CARVALHO, 1989, p. 104).

A sorte tinha-lhe sido, de fato, malvada, conforme previra.

Aparece, aqui, como elemento essencial à trama narrativa, uma mina, e o perigo que representa e as ações que envolvem sua desmontagem vão se constituir no móvel narrativo, pois, desde esse ponto até o final, todo o desenrolar da trama dar-se-á em torno da desmontagem da mina e seu iminente risco de explodir frente a qualquer descuido do alferes. Provavelmente, essa intriga adveio da memória do autor, pois Mário de Carvalho “tinha guardado, sem fazer nada por isso, espontaneamente, umas certas memórias de traços” (CARVALHO, 1996, p. 43) do tempo em que esteve na tropa:

Quando estive na tropa, não pude deixar de captar os gestos, os comportamentos, o lado caricatural da tropa, um mundo onde as coisas tomam nomes diferentes: um carro não é um carro, porque não existem carros na tropa – existem viaturas. Não há motoristas na tropa: existem condutores. As pessoas tratam-se por “meus” e por “nossos”. É completamente disparatado! As próprias vozes, as atitudes, tudo isso ficou guardado. Eu, nessa altura, não sabia que havia de ser escritor, mas... (CARVALHO, 1996, p. 43).

Mas, como se tornou escritor, em “Era uma vez alferes”, parte desses gestos e comportamentos, do lado caricatural, dos diferentes nomes e atitudes, daquilo que lhe pareceu completamente disparatado!, vai se manifestar. O tratamento por “meus” ou “nossos”, por exemplo, figura em “nunca dispensava o tratamento de ‘nosso’ para os subalternos” (CARVALHO, 1989, p. 101).

Estava, enfim, instalado o insólito na narrativa, ocorrera o evento insólito essencial e necessário ao seu desenvolvimento: “De um para outro relance, o pé que havia pisado a mina ora lhe parecia um

trambolho pesado, de chumbo, ali plantado para a eternidade, ora uma extremidade oca, abandonada, de uma leveza etérea, flutuante, quase adormecida ao som da brisa” (CARVALHO, 1989, p. 104). E o caráter inesperado, inusitado do evento, que causa perplexidade, é reforçado: “– Mas por que é que isto me havia de acontecer a mim?” (CARVALHO, 1989, p. 105), pergunta-se o alferes, que, mais adiante, no diálogo com o capitão, admite: “– Não estava a contar com minas nesta picada, meu capitão...” (CARVALHO, 1989, p. 114), reiterando o inaudito para si e para a ocasião.

O próprio autor, na entrevista a que vimo-nos referindo, fala explicitamente do emprego do “‘não há-de ser nada’ da tropa ou o ‘nem pensar em tal semelhante coisa’ (...), que são usadas em *Os alferes* e que contribuem para dar verossimilhança e vivacidade ao texto...” (CARVALHO, 1996, p. 44). Todo o processo de tensionamento trágico-dramático de “Era uma vez um alferes” se constrói a partir do acúmulo de medo e apreensão em torno da possível explosão da mina e do retardamento indefinido de sua desmontagem, até o desfecho funesto e – mais fortemente ainda – insólito. Soldados, furriéis, o alferes, o capitão e o médico dizem, a todo momento, enquanto aguardam a chegada do “pessoal das minas e armadilhas” que viria desmontar o explosivo e pôr fim ao sofrimento do alferes:

- Calma (...), calma, calma, pá! (CARVALHO, 1989, p. 105).
- (...), calma, meu alferes... (CARVALHO, 1989, p. 106).
- Não há azar, não há azar (CARVALHO, 1989, p. 108).
- Agora é preciso é calma, que não há-de ser nada (CARVALHO, 1989, p. 114).
- É agüentar, meu alferes, calma, meu alferes... (CARVALHO, 1989, p. 115).
- Não há-de haver azar... (CARVALHO, 1989, p. 116).
- Calma, ó engenheiro, calma, há? (CARVALHO, 1989, p. 117).
- EEEEH, cara alegre, homem! Não há mal que sempre dure, pá! (CARVALHO, 1989, p. 124).
- Calma, nosso alferes... (CARVALHO, 1989, p. 125).

Mas o “pessoal das minas e armadilhas” não chega nunca, e o alferes, desesperado diante da situação inusitada em que se encontra, cansado da espera indefinida e torturado pelos diálogos com o capitão e suas lembranças, já “estava nas últimas” (CARVALHO, 1989, p. 125):

Vai-lhe um enorme peso sobre os ombros, do peso se lhe dobram ligeiramente as pernas. Cansou-se-lhe o braço com que se apóia à *G-3*, fortemente fincada na areia. Estremece. Vê, entre névoas, a cara do capitão, ondulante, perlada de gradas bagas de suor.

“Não vou agüentar”, diz de si para si, com um desalento resignado. (CARVALHO, 1989, p. 126)

Por fim, “a face do alferes descai, à banda, sobre o ombro. Deixou de responder ao capitão. Por entre os soluços, a respiração vem-lhe ofegante, entrecortada” (CARVALHO, 1989, p. 127). Os homens ainda cantam para lhe animar, e o capitão fala-lhe sem pausas e em tom de ordem superior, chamando-lhe pelo brio, vaidade e orgulho, mas não há mais tempo: “– Não posso mais, meu capitão, deixe-me, por favor!” (CARVALHO, 1989, p. 127). Conforme salientou o próprio autor na entrevista, trata-se de “um tema recorrente dos meus livros, o homem acuado, o homem cercado e sem possibilidade de saída. Eu julgo que nós, individualmente, mas também como sociedade, nos encontramos nessa situação e podemos estar perante uma expectativa de tempos terríveis”

(CARVALHO, 1996, p. 45). Assim, aceitando-se a declaração autoral como verdadeira, a situação vivenciada pelo alferes é, metonimicamente, a manifestação de situações insólitas corriqueiras vividas por todo e qualquer ser no seu cotidiano.

Acuado, cercado pela fatalidade inesperada que lhe sucedera, nada mais restava ao alferes. “Nisto, o alferes teve um estremeção, oscilou, tombou desamparado. O capitão rolou na areia com um grito. Os homens, instintivamente, rojaram-se por terra e cobriram a cabeça com os braços” (CARVALHO, 1989, p. 128). Era o fim. Todos aguardavam a explosão, a destruição, os estilhaços da mina... Mas, conforme Mário de Carvalho assevera, em sua obra, “há um outro tema, que é o da incapacidade do nosso quadro mental para captar a realidade” (CARVALHO, 1996, p. 45). E é exatamente o encontro desses temas – o homem acuado, cercado, sem possibilidade de saída, perante uma expectativa de tempos terríveis, e sua incapacidade mental para captar a realidade – que promove a manifestação mais acentuada do insólito no desfecho de “Era uma vez um alferes”, pois: “Silêncio. Silêncio. Não houve qualquer deflagração” (CARVALHO, 1989, p. 128). A mina não explodira.

Poderia ser um sufocamento exterminador do efeito insólito, repondo a ordem no desenvolvimento da trama narrativa e restabelecendo o sólito, não fosse, contudo, diferente o final. Mesmo atendido prontamente pelo médico, após tombar ao chão, nada mais havia a fazer. O médico “comunicou ao Capitão” (CARVALHO, 1989, p. 128): “– Ele está morto! Não se agüentou... Só me saem é destas, caramba!” (CARVALHO, 1989, p. 128).

A mina não estourara, e o alferes morrera. Reiterava-se, assim, o caráter insólito dos eventos narrativos. Mas, a apoteose da manifestação do insólito ainda estava por vir. Agora,

O furriel remexia a terra no sítio em que o alferes antes estivera. Depois aproximou-se. Na mão premia uma pequena mola metálica, das usadas nos batuques:

– “Clique, clique”! Olhem, a “mina”...

Todos se entreolharam, contrafeitos... (CARVALHO, 1989, p. 128-129).

Entronizava-se a irrupção do insólito nesse desfecho. Pisar em mina naquela picada tão familiar para o alferes não era de se esperar; ter morrido de cansaço, medo, desespero, terror ou horror, muito menos; cair ao chão e a mina não explodir, muito menos ainda. Mas nem mina ali havia, tratava-se de “uma pequena mola metálica, das usadas nos batuques”.

Mas é do próprio autor, Mário de Carvalho, que nos vem uma proposta de leitura para esse efeito insólito final, construído num jogo entre ser e parecer, entre temas que entrechocam e se complementam, uma vez “que a grande crise por que passa a arte contemporânea pode ser resumida no conflito platônico entre a essência e a aparência” (COVIZZI, 1978, p. 40). Ele disse, naquela entrevista, que

“a realidade é muito abusadora.” E não é subsumível às representações que fazemos dela, aos nossos desejos e mesmo aos nossos quadros de raciocínio. É muito mais rica, por um lado, mas muito mais perversa, por outro. E é com esta perplexidade que as personagens dos livros são confrontadas (CARVALHO, 1996, p. 45).

Em “Era uma vez um alferes”, suas personagens – em especial o alferes – são confrontadas com a perplexidade dos acontecimentos fora da ordinariedade e da naturalidade. Nesse caso, estamos falando do inusitado, do inesperado, “do insólito, que carrega consigo e desperta no leitor, o sentimento do *inverossímil*, *incômodo*, *infame*, *incongruente*, *impossível*, *infinito*, *incorrigível*, *incrível*, *inaudito*” (COVIZZI, 1978, p. 26), denunciando uma “crise de valores porque a realidade convencional, seus conceitos e representações não são mais aceitos sem dúvida” (COVIZZI, 1978, p. 27). Enfim, “não se trata de uma estranheza que poderia parecer gratuidade, malabarismo, cerebralismo ou simples sofisticação para o leitor menos avisado. Ela existe num novo nível porque

desborda aquilo que era considerado seu limite – a pura ficção – para exercer uma função crítica” (COVIZZI, 1978, p. 27). É a crise da negação, no *não*, do *in-*.

Sabemos, entretanto, que a narrativa de Mário de Carvalho é um “objeto ficcional, ou seja, um objeto que não guarda necessariamente um compromisso estrito e explícito com a realidade” (COVIZZI, 1978, p. 29), mas ele mesmo explicou, na entrevista, as relações entre sua ficção e a realidade da qual ela emana e que nela se manifesta:

Vou captando os modos, nada do que eu escrevi agora é imediatamente autobiográfico. (...) Quem é fulano? Que sítio é esse? Mas há sempre uma transfiguração. Não há nada imediatamente reconhecido ou imediatamente transposto da realidade. Aliás, os romances não se fazem com realidades, fazem-se com fantasias, não se fazem com “eus” verdadeiros, fazem-se com “eus” falsos. Mas eu apanho tudo o que está à minha volta: um gesto que se faz, uma conversa, uma frase (CARVALHO, 1996, p. 43-44).

As narrativas de Mário de Carvalho se produzem a partir de sua vivência quotidiana, pois, como disse, “há um enorme armazém onde se vão depositando as frases que se apanham no ar, aqui e além. Mas não são só frases. Os gestos, por exemplo, tudo isso vai ficando registado em qualquer lado e, depois, é reelaborado” (CARVALHO, 1996, p. 48). Desse modo, com consciência autoral e crítica, conforme o autor demonstrou naquela entrevista, sua narrativa tensiona o sólito factual da realidade experienciada com o insólito da ficcional da criação literária.

Se podemos definir o insólito, enquanto categoria distintiva de gênero literário, como sendo o que manifesta o:

ilógico	–	contrário à lógica; não-real; absurdo;
mágico	–	maravilhoso; extraordinário; encantador;
fantástico	–	que apenas existe na imaginação; simulado; aparente; fictício; irreal;
absurdo	–	o que é contra o senso comum, a razão; disparate; despropósito;
misterioso	–	o que não nos é dado conhecer completamente; enigmático;
sobrenatural	–	fora do natural ou comum; fora da leis naturais;
irreal	–	que não existe; imaginário;
supra-real	–	o que não é apreendido pelos sentidos; que só existe idealmente; irrealidade; fantasia (COVIZZI, 1978, p. 36)

podemos, nessa mesma perspectiva, ler qualquer das narrativas de Mário de Carvalho aqui referidas, desde *Contos da sétima esfera* ou *Casos do Beco das Sardinheiras* até *Os alferes*, como narrativas em que o sólito e insólito se manifestam em tensão, de modo essencial à trama. Enfim, a ficção de Mário de Carvalho é, efetivamente, como sugerimos desde o título, exemplo dessa literatura em que sólito e insólito se manifestam em tensão.

Referências Bibliográficas:

[1] CARVALHO, Mário de. *Contos vagabundos*. Lisboa: Caminho, 2000.

_____. Alguma coisa me perturba. *Ler*, Lisboa, (34): 38-49, abr./maio, 1996.

[2] _____. *A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho* e outras histórias. 3 ed. Lisboa: Caminho, 1992.

_____. *Casos do Beco das Sardinheiras*. 6 ed. Lisboa: Caminho, 1991.

[3] _____. *Quatrocentos mil sestércios seguido de O Conde Jano*. Lisboa: Caminho, 1991.

_____. *Contos da Sétima Esfera*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1990.

_____. “Era uma vez um alferes”. In: *Os alferes*. Lisboa: Caminho, 1989. p. 97-129.

[4] _____. *Contos soltos*. Lisboa: Quatro Elementos, 1985.

[5] _____. *Era uma vez um alferes*. Lisboa: Rolim, 1984.1

[6] COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.

GARCÍA, Flavio. “Marcas da banalização do insólito na narrativa curta de Mário de Carvalho: *Casos do Beco das Sardinheiras* como paradigma de um novo gênero literário.” In: NITRINI, Sandra **et al.** *Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada – Literatura, Artes, Saberes*. Paulo: ABRALIC, 2007. e-book.

[7] _____. “Casos do Beco das Sardinheiras, de Mário de Carvalho: paradigma do macro-gênero do insólito”. In: *O Marrare*, Rio de Janeiro, (8): 8-19, 2007a. Disponível em <http://www.omarrare.uerj.br/numero8/flavio.htm>.

[8] _____. “A literatura realista-maravilhosa borrando a História: ‘Do Deus memória e notícia’, de Mário de Carvalho”. In: *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, (9): 88-102, 2000.

¹ Este artigo é produto correlacionado ao Estágio de Pesquisa Pós-Doutoral em Ciência da Literatura, “Questões de gênero literário em literaturas da lusofonia: Brasil, Portugal e Galiza” (UFRJ, 2006-2008) e aos Projetos de Iniciação Científica “A presença do insólito na narrativa de ficção: um problema de gênero literário” (com 2 bolsas PIBIC UERJ e CNPq, desde 2006) e “Reflexões sobre o insólito na narrativa de ficção: um problema de gênero literário” (com 2 bolsas FAPERJ, desde 2007).

² **Flavio GARCÍA, Prof. Pós-Dr.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
flavgarc@uol.com.br; flavgarc@oi.com.br; flavgarc@gmail.com; flavgarc@hotmail.com; flavgarc@uerj.br;
flaviogarcia@unisuam.edu.br

³ “O insólito na narrativa de Mário de Carvalho: uma questão de gênero literário”. Conferência apresentada durante o XXI Encontro da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – *Revoluções, Diásporas e Identidades*. São Paulo, USP, de 3 a 6 de setembro de 2007. Texto aguardando publicação.

⁴ A partir de setembro de 2008, encontra-se à disposição no Brasil, publicada pela Companhia da Letras (São Paulo), uma edição nacional dessa mesma narrativa, reunida sob o título *Era uma vez um alferes* e outros contos.